

190					
					9

2119

Funai também sob investigação de CPI

Brasília – A Fundação Nacional do Índio (Funai), criada há 35 anos para amparar e desenvolver políticas direcionadas às 215 etnias do país, virou foco das atenções nos últimos dias com a demissão do sertanista que ajudou idealizá-la, Orlando Villas Bôas, em meio a críticas históricas. Desde maio, funciona na Câmara a CPI da Funai que pretende investigar as denúncias que cercam a entidade e definir a sua descentralização administrativa.

A Funai passou por 25 presidentes e conseguiu reunir cerca de 5 mil funcionários, incluindo os cargos comissionados. Um dos problemas permanentes é a redução do orçamento: para este ano estavam destinados R\$ 77 milhões. No entanto, os cortes reduziram a verba para aproximadamente R\$ 35 milhões. Números que aparecem cercados por denúncias, que vão desde malversação de verbas, passando pelos conflitos entre índios e fazendeiros até a discriminação em relação a determinadas etnias.

Mudanças

“É necessário descentralizar a administração da Funai e modificar a lei que trata o índio como uma criança, isento de punição”, afirmou o relator da CPI, deputado Antônio Feijão (PSDB-AP). Na sua opinião, o ideal seria administrar a Fundação por meio de um conselho pluriétnico (com

representantes das etnias cuja sociedade tenha maior número de membros) e pluriministerial (dos ministérios da Justiça, Educação, Saúde, Fazenda e Planejamento).

De acordo com a Funai há aproximadamente 325 mil índios no país, que representam 215 etnias e falam 175 línguas diferentes. Eles ocupam 561 áreas, o equivalente a 11% do território nacional. Porém 147 delas ainda não foram delimitadas. Em geral, apesar das diferenças, vivem problemas semelhantes. As maiores dificuldades são as invasões e as tentativas de exploração econômica de suas terras por fazendeiros, posseiros, madeireiros e garimpeiros. Também reclamam da forma como estão sendo tratadas as doenças, principalmente a tuberculose. O assunto agora está a cargo da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) e não mais da Funai.

Mas para o sertanista Orlando Villas Bôas e um grupo de antropólogos, há um outro grave problema que é a situação dos chamados índios urbanos, aqueles que abandonaram suas aldeias e passaram a viver nas cidades. Mas com a falta de oportunidades de emprego e o choque cultural, acabam partindo para a indigência e o vício. Em Minas Gerais, a maioria dos índios maxacari é alcoólatra. E no Mato Grosso do Sul, há tribos com muitos casos de suicídio. (AJB)